

9 de Julho - 18h00
Auditório do Padrão dos Descobrimentos

Conferência
PLANTAS, MITOS, FABULAÇÕES E REALIDADES

Jorge Paiva, biólogo

Quando se formou a nossa espécie, praticamente, a totalidade das outras espécies animais que hoje existem já habitavam o Globo Terrestre. Por isso, a espécie humana (*Homo sapiens L.*) aprendeu muito com a Natureza e com os outros animais. Assim, copiamos os outros animais na alimentação e, também, no uso de muitas das plantas medicinais que ainda hoje utilizamos.

Os mais primitivos antepassados humanos eram herbívoros, depois recolectores e caçadores e, após a domesticação de animais e plantas, agricultores e pastores.

Além das plantas comestíveis que sempre utilizámos, conhecem-se documentos sobre plantas medicinais há mais de cinco mil anos, como são os documentados sistemas médicos chineses e o “ayurvédico” indiano. Antes da fabricação dos medicamentos pela indústria farmacêutica, que não tem mais do que século e meio, as enfermidades eram tratadas diretamente com “mezinhas” das plantas ou dos animais.

O tratado “*De materia medica*” (64 d.C.) de Pediamos Dioscórides (40-90 d.C.), célebre físico (cirurgião) grego, considerada uma das obras mais antigas sobre plantas, onde se descrevem os atributos (cerca de 1000) de cerca de 600 espécies de plantas, foi o “guia” da “medicina” durante mais de 16 séculos, o que implicou um reduzidíssimo progresso da fitoterapia. Aliás, a maioria dos nomes utilizados por Dioscórides tinham sido utilizados por Hipócrates de Cos (ca. 460-370 a.C.) no seu catálogo “*De herbis*” com mais de 230 nomes de plantas, mais tarde descritas por Crataevas (120-60 a.C.) em “*Rhizotomicon*”, assim como por Theophrasto de Eresos (370-285 a.C.) na sua “*Historia plantarum*”.

Garcia da Orta também conhecia, seguramente, não só essas obras, como também os sistemas médicos chineses e o “ayurvédico” indiano. Por isso, os “*Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia*” (dois volumes) constituem uma obra extremamente relevante e marcante não só para a época, como também posteriormente, até finais do século XX, com o fabrico dos medicamentos.

Camões também conhecia as obras gregas e os *Coloquios* de Garcia de Orta, por quem acalentava uma afetuosa amizade e admiração, resultante das relações pessoais que mantiveram na Índia, onde o poeta escreveu praticamente todo o seu poema épico, *Os Lusíadas*. Por isso, é n’*Os Lusíadas* que o poeta mais plantas menciona, na maioria asiáticas e aromáticas. Na lírica refere muito menos espécies de plantas, maioritariamente, europeias.

As plantas, pela sua relevância para a nossa espécie, também são referidas nas obras sagradas das religiões, com, por exemplo, no Corão e na Bíblia.

Por causa de muitos destes produtos poderem provocar intoxicações ou até alucinações, é que os (as) curandeiros (as) as utilizam a seu belo prazer, elaborando exorcismo ou rezas. Assim muitos “curandeiros” sem escrúpulos podem causar, impunemente, em vez de curas, piores males ou, até, mortes.

Além de tudo isso, devido à enorme relevância das plantas na vida humana, existem muitos mitos, como, por exemplo, a figueira-sagrada (*Ficus religiosa* L.), à sombra da qual o Príncipe Sidarta Gautama (Buda) meditou durante 7 anos e fabulações como, por exemplo, a maçã que Eva deu a Adão e plantas carnívoras que devoram símios e humanos.

Jorge Paiva

Biólogo

Centro de Ecologia Funcional. Universidade de Coimbra

Gratuito. Sujeito a marcação prévia.

T: 213 031 950

info@padraodosdescobrimentos.pt

www.padraodosdescobrimentos.pt